

Ciência e Pesquisa: reflexões sobre a inserção do turismo e do ensino superior frente ao panorama científico

Gustavo da Cruzⁱ
André Portes Caldini Berberiⁱⁱ
Morgana Toaldo Guzelaⁱⁱⁱ
(Brasil)

Resumo: A ciência e seus métodos surgiram em razão que os seres humanos tendem desde a antiguidade a buscar incondicionalmente a formulação de teorias que expliquem a realidade. Após diversas contribuições de pensadores e filósofos, hoje existem métodos científicos nas mais diversas áreas do conhecimento, na busca da produção e evolução do saber e do pensamento crítico. Desta forma, este artigo visa fomentar a reflexão sobre a importância da ciência e dos métodos de pesquisa e suas relações com o conhecimento do turismo, analisando sobretudo de maneira holística e integrada. Neste contexto, surge e evolui o pensamento inter e multidisciplinar sobre o turismo com expectativas holísticas e problemáticas econômicas, ambientais, políticas, culturais, enfim, em sua relação com toda a sociedade.

Palabras clave: Turismo; Ciência; Pesquisa; Ensino Superior; Desenvolvimento.

Abstract: Science and its methods have been created due to the fact that since the days of old human beings tend to create theories in order to explain the real world. As a result of the work of many thinkers and philosophers there are scientific methods in the various areas of the knowledge nowadays, helping the production and evolution of knowledge and elaborated thinking. In this sense, this article aims to encourage reflection about the importance of science and research methods and their relation with tourism knowledge, especially when analyzed in a holistic and integrated way. In this context, tourism inter- and multi-disciplinary thinking take place and evolve with holistic expectations involving economic, environmental, political and cultural problematic relating with society as a whole

Keywords: Tourism; Science; Research; Superior Education; Development.

ⁱ Formado em Administração de Empresas com Especialização em Administração Hoteleira e Marketing Turístico, Mestre e Doutor em Turismo e Sustentabilidade pela ULPGC - Espanha. Atualmente é professor visitante do Mestrado em Cultura e Turismo da UESC. E-mail: gusdacruz@hotmail.com

ⁱⁱ Formado em Turismo com Especialização em MBA-Direção Estratégica, Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB – Brasil. Atualmente é professor do curso de turismo e coordenador do GEU da Unicenp. E-mail: aberberi@unicenp.edu.br

ⁱⁱⁱ Formada em Turismo e em Administração de Empresas pelo UnicenP. Atualmente é pesquisadora e membro do grupo de pesquisa e cooperação internacional Brasil-Espanha. E-mail: morganaguzela@yahoo.com.br

Introdução

Entre as muitas abordagens conceituais e práticas sobre o turismo existem diversos equívocos e percepções superficiais principalmente por visões totalitaristas e que negam a sua relação com o mundo científico. Visto como uma atividade prática e que permeia quase toda a humanidade, sejam pelos destinos turísticos ou pelos seres humanos (turistas), ambos reais ou potenciais, o fenômeno vai além de perspectivas que o fazem depender de ciências da administração, ciências ambientais, sociais entre outras. O turismo provoca uma relação ampla e complexa dessas várias ciências que conduziram, ao menos no Brasil, para discussões reflexivas do mundo acadêmico em cursos superiores ao lado de outras áreas das ciências humanas e sociais aplicadas.

Percebe-se ainda que a sua relação imediatista com a prática, sem relevar os impactos e o longo prazo, coloca o turismo em uma superficialidade pobre de percepção e infeliz de resultados para a sociedade em geral. São paradigmas criados por gestores públicos e privados sem o conhecimento abrangente e que muitas vezes tornam a atividade tanto benfeitora, em perspectivas quantitativas evasivas, quanto malfeitoras, já na abordagem qualitativa percebida na sociedade, no meio ambiente, na economia e na cultura dos destinos visitados. Percebe-se nisso, a emergência para fortalecer vínculos do turismo com o mundo da ciência a fim de creditar aos que o estudam, o seu conhecimento e a responsabilidade sobre o futuro da atividade, bem como externalidades geradas.

Muitos são os atores que se relacionam com a atividade sejam como sujeitos do processo, sejam como gestores da atividade. Na concepção da gestão, há ainda os que à ela estão relacionados pela prática profissional e outros pela produção de conhecimento, pesquisas e análises da atividade e do fenômeno.

O presente artigo contextualiza o turismo dentro das discussões práticas e conceituais e, assim, busca refletir sobre possibilidades de considerá-lo como uma ciência, através de uma abordagem mais responsável e profunda deste. Desta forma o objetivo

principal deste artigo é de fomentar a reflexão sobre a importância da ciência e da pesquisa científica para a evolução do conhecimento na área de turismo, o que proporciona uma maturidade maior da ciência, e também contribui para a sociedade de uma maneira geral.

Assim sendo, utilizou-se de análise bibliográfica e discussões a respeito da importância da pesquisa científica no ensino superior em turismo, e sua inserção e evolução no panorama brasileiro. Primeiramente foi feita uma análise histórico-conceitual sobre a ciência e sua evolução. Em um segundo momento foi abordada a pesquisa científica, confrontando o método cartesiano e o método científico utilizado atualmente. Em seguida, foram realizadas algumas reflexões à respeito do turismo e suas relações com o ensino superior, a pesquisa científica, a produção do conhecimento e a ciência.

Ciência: conceitos e evolução histórica

A palavra ciência é proveniente do Latim e significa conhecimento, sendo possível defini-la como sendo um “conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, orientar a natureza e as atividades humanas” (Demo, 2005: 15).

De forma a entender a complexidade e a amplitude da ciência como conhecimento, bem como sua importância no cotidiano e na evolução humana, é fundamental destacar as afirmações de Álvaro Vieira Pinto:

“A pesquisa científica constitui um tema a cuja consideração o homem de ciência, em geral, e o pesquisador, em particular, não podem deixar de se dedicar. (...) A pesquisa científica é um aspecto, na verdade o momento culminante, de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo à sua essência de animal que conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às suas necessidades. Este processo chama-se con-

hecimento” (Pinto, 1979: 03).

E, se a ciência, enaltecadora do conhecimento e racionalidade humana deixa lacunas aos campos do saber, observa-se à importância da utilização de uma metodologia. Neste contexto, Margarita Barreto afirma que a “Ciência” pode ser considerada como:

“uma abordagem racional e sistematizada dos fenômenos observáveis. É um conjunto organizado de conhecimentos fundamentados que são obtidos através de métodos específicos. Difere de outras abordagens dos fenômenos porque procura explicações racionais. (...) Para que uma determinada produção seja considerada científica deve ter, entre outras condicionantes, coerência (lógica), consistência (profundidade) e originalidade. (...) Produzir ciência é produzir novos saberes, novas teorias, e isto só é possível através da pesquisa e do estudo” (Barreto apud Gastal e Moesch, 2004: 83).

Assim sendo, percebe-se que o método científico utiliza-se de exatidão, objetividade, e sistematização nas técnicas e procedimentos que vêm a conduzir, através de regras fixas, a elaboração de conceitos. Tais conceitos, por sua vez, geram observações e instigam a realização de experimentos para que as hipóteses sejam validadas consistentemente.

A atividade científica, ao contrário do que prega o “senso comum”, não tem como objetivo básico descobrir verdades ou ser uma compreensão plena da realidade. A ciência procura estudar a realidade, porém objetiva fornecer um conhecimento que, ao menos provisoriamente, facilita a interação do homem com o mundo, permitindo previsões confiáveis sobre acontecimentos futuros e indicando formas de controle para que se possa intervir convenientemente sobre esses.

Ao decorrer dos anos, várias foram as descobertas e teses defendidas pelos pensadores. A ciência e a filosofia foram desenvolvendo-se com a contribuição de várias delas. Desde Tales de Mileto, na Grécia Antiga, passando pelos atenienses Sócrates e Platão, a chegar ao considerado “Pai da Ciência”, o filósofo Aristóteles, marcado por suas características como grande empirista. Na continuidade do processo evolutivo encontram-se outros personagens onde se destacou o italiano Tomás de Aquino, na

Era Medieval (Koyré, 1991).

São também nomes que marcaram a história da humanidade, Francis Bacon, Jean Jacques Rousseau, René Descartes, Karl Popper e outros que, à sua medida, contribuíram para o desenvolvimento das ciências como hoje são conhecidas. Muitos inclusive, tiveram a oportunidade de, através de viagens, aguçar sua curiosidade e buscar respostas através de seus estudos e conhecimentos. Em meio à Matemática, Física, Química, Astrologia, Filosofia, muitas “Ciências” foram e são desenvolvidas e aperfeiçoadas constantemente por novas descobertas e comprovações científicas. Isso possibilita que o conhecimento a que se tem acesso seja cada vez maior e mais completo (Koyré, 1991).

Observa-se, portanto, que as “Ciências” mais consagradas e aceitas como tal nos dias atuais, já passaram por um processo evolutivo de desenvolvimento e consolidação de teorias. Muitos dos méritos do conhecimento e pensamento crítico que deram fundamento para essas “Ciências” podem ser considerados provenientes da pesquisa científica e seus métodos racionais, lógicos e imparciais.

Pesquisa científica

Até o início do século XIX, a ciência e a filosofia eram encaradas similares em seus métodos de abordagem. Até então, não fazia sentido aos que conduziam os processos de formação do conhecimento separar as teorias científicas das filosóficas. O que hoje é considerado ciências, antes, era chamado, de um modo geral, de “filosofia da natureza”. Esses estudos procuravam fornecer uma explicação sobre o mundo que permitisse apontar as leis que determinavam os eventos naturais, como o movimento dos corpos celestes, as reações dos elementos químicos e a origem dos seres vivos (Miranda, 2007).

René Descartes, nessa época, já demonstrava um descontentamento em relação a isso através de sua insatisfação com o ensino que lhe havia sido ministrado quando menino, que, segundo ele, apenas a Matemática demonstrava o que afirmava: “Comprazia-me sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência

de suas razões" (Descartes, 1996: 11). Percebe-se o raciocínio lógico e fragmentado nas percepções práticas e na comprovação dos fatos como ponto marcante em seus pensamentos.

Descartes viaja a procura de novas fontes de conhecimento e saber, longe dos livros e dos professores de colégio, deparando-se com a experiência da vida e a reflexão pessoal. Como, até então, ciência e filosofia não haviam sido separadas, "as matemáticas" referindo às ciências exatas, eram uma exceção, uma vez que ainda não se havia experimentado aplicar seu rigoroso método a outros domínios, o que Descartes vem tentar mudar e pesquisar.

Sendo uma característica intrínseca ao ser humano, a curiosidade faz com que se busque conhecer mais e melhor o meio em que se vive e tudo o que possa a ele se relacionar. Porém, para que isso se realize de forma cientificamente aceitável, são necessários alguns fatores. Descartes já esboçava em 1637 no "Discurso sobre o Método", algumas premissas quanto à um método muito próximo das ciências exatas que pudesse ser aplicado às demais áreas de interesse e estudo. Foi assim que surgiu o método cartesiano. Consistia em quatro regras, a saber: evidência, análise, síntese e desmembramento. Essas características possibilitaram reconhecimento quando, em séculos posteriores, viram no método a manifestação do livre exame e do racionalismo além de não tratar de política nem de religião para convencer (Descartes, 1996).

Pode-se afirmar que o método cartesiano assemelha-se muito com o atual método científico utilizado por pesquisadores e cientistas das mais diversas áreas do conhecimento. A congruência dos dois métodos ocorre por apresentarem um conjunto de regras básicas para um pesquisador desenvolver uma experiência controlada para o desenvolvimento da própria ciência, em busca de respostas e evolução crítica do pensamento.

No método científico, a hipótese traz inspirações ao processo que deve levar à elaboração de uma teoria. O pesquisador, na sua hipótese, tem dois objetivos: esclarecer um fato e antecipar outros acontecimentos que dele podem decorrer. Essa hipótese deverá então ser testada em experiências controladas e, se os resultados obtidos pelos

pesquisadores comprovarem perfeitamente a hipótese, então ela pode ser tomada como uma teoria (Pinto, 1979).

Esses métodos científicos são utilizados para elaborar e comprovar todos os tipos de teorias, cabendo apenas algumas alterações em aplicações das regras, conforme necessidades ou características especiais. O uso do método científico agrega vantagens específicas ao saber por ele produzido, como a produção de um conhecimento prático e aplicável, que pode ser usado na previsão e/ou controle de fenômenos e ocorrências, assim como proporciona o uso de expressões objetivas e detalhadas não só do saber que é produzido, mas também da forma como se chegou até ele, permitindo compartilhar e transmitir esse conhecimento.

Além da confiabilidade do método científico, ele proporciona a redução ou minimização dos vários tipos de viés que podem surgir na observação e interpretação dos diversos fenômenos que se pretende estudar; além do fornecimento de suporte metodológico e representacional ao pensamento, permitindo o uso de ferramentas sócio-culturais e tecnológicas que, por sua vez, favorecem a transcendência das limitações individuais do pesquisador em suas análises e sínteses.

Análise do turismo e suas relações com o ensino superior

A realização de viagens, que poderia aqui ser considerada como uma atividade de essência empirista, sempre foi comum à maioria dos povos do mundo. Tendo como origem ou fator motivacional / impulsor a própria necessidade humana de deslocamento, tanto do ponto de vista de conquistas como guerras e invasões, como também pelo puro interesse de entretenimento, lazer e da curiosidade pelo novo e inexplorado. Contudo,

"pode-se definir como marco para uma modelagem e representação turística mais organizada, assim como o é para as ciências como um todo, a fase Renascentista, com seu incentivo à ciência e às artes, que desencadearam uma revolução nos hábitos e no comportamento do europeu mais abastado, que em função do seu status passou a utilizar as viagens como uma forma de explorar novos lugares e demonstrar maior

capacidade econômico-financeira, além de um maior cabedal de conhecimentos em comparação às pessoas que não podiam realizar as mesmas proezas devido ao baixo poder aquisitivo” (Souza, 2007: 33).

Mas não seria à ciência feita pela prática do turismo, senão o próprio turismo como ciência que se concentram as discussões mais polêmicas da atualidade e os interesses na presente argumentação. Com o decorrer do tempo a atividade turística começou a se organizar e desenvolver profissionalmente. As pessoas elevaram seus padrões de exigência e também a demanda por produtos, serviços e informações de maneira mais massiva, sem deixar a qualidade e confiabilidade de lado. Pelas necessidades que começaram a se apresentar no mercado, os profissionais de diversas áreas de atuação como a Administração, Economia, Geografia, Ciências Sociais entre outras começaram a perceber na atividade turística a transformação de um fenômeno em uma profissão e uma área de conhecimento muito vasta e promissora, apesar de recentemente abordada e pesquisada com afinco científico.

O turismo como estudo e profissão é uma atividade que pode ser considerada relativamente recente no Brasil. Foi na década de 1970 que o turismo foi inserido no Ensino Superior quando em 1971, na antiga Faculdade do Morumbi (hoje Universidade Anhembi-Morumbi), em São Paulo surge o primeiro curso de graduação em turismo.

Nos anos que se seguiram, a demanda pelos cursos de turismo oscilou conforme os panoramas sociais, políticos e econômicos do país. Após ter passado por um período de descoberta da área de atuação e conhecimento, houve uma estagnação pelo panorama de instabilidade vivido no país na década de 1980. A grande expansão e visibilidade dos cursos de turismo ocorreu em meio à expansão econômica, investimentos e incentivo da década de 90 (Matias, 2002). Observa-se também que:

“Hoje o curso de turismo, desponta no cenário educacional como uma das graduações mais promissoras e disputadas nos vestibulares. Com uma mão de obra já formada de 8.000 mil turismólogos em aproximadamente 400 cursos (dados de maio de 2000) espalhados pelo Brasil, cons-

tituem uma verdadeira massa crítica capaz de pressionar as esferas governamentais para o estudo científico do turismo e a necessidade da regulamentação profissional” (Santos Filhos, 2007).

Na atualidade os cursos de turismo, por todo o Brasil, encontram-se numa fase de definições e tentativa de estabilização. A demanda diminuiu e isso é percebido através da análise das salas de aula, de cursos que não conseguem alunos suficientes para abrir turmas, dentre outras observações e discussões que têm permeado as polêmicas dos cursos. Uma delas parece ser um reflexo à busca pela sobrevivência de mercado quando cursos que antes duravam quatro anos passam a ser realizados em apenas três. Como se o conhecimento fosse um pacote adaptável as regras impostas pelo mercado e como se a ciência pudesse sofrer alterações abruptas sem relevar seus princípios e sua própria evolução.

A realidade que parece despontar, no entanto, está voltada à importância para a qualidade de ensino e estímulo à pesquisa, debate e promoção do conhecimento nas universidades que vem se destacando.

Assim, percebe-se que o sistema de ensino nacional, conduzido pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), permitiu pressões de instituições de ensino que não perceberam o turismo em seus princípios científicos e em uma análise de longo prazo. Essas observaram uma oportunidade de mercado que, posteriormente, retrocedeu drasticamente com a diminuição expressiva na procura por cursos de turismo. A evasão de demanda para outras áreas pode ser atribuída, em grande medida, ao modismo pelo estudo do turismo e pelos desencantos, quando se percebe não resumir, o estudo do turismo, aos que buscam viajar ou que procuram apenas atuar no setor.

Tais características parecem lançar uma luz de oportunidades à relevância científica da atividade. Em outros termos, compreende-se que, se descartada a panacéia de estudar turismo por confusões ao puro prazer de viajar ou pela oportunidade de atuação técnica, o turismo poderá passar à uma forma consistente de produção científica e instrumento para o desenvolvimento sustentável de regiões.

Por outro lado, há de se considerar que a o turismo não possui um método científico

próprio, o que causa polêmicas por visões divergentes quanto à sua cientificidade. No entanto os estudos realizados na área de turismo utilizam-se do caráter inter, multi e transdisciplinar dessa área de conhecimento, graças à sua ampla abrangência, o que possibilita a realização de pesquisas científicas com respaldo e confiabilidade dignas de uma ciência como a matemática.

Segundo análise da pesquisa realizada por Matias (2002), com o auxílio de outras ciências interligadas, as áreas que compreendem a atividade e o estudo do turismo aproximam-se cada vez mais do científico. Desta forma, fazer ciência no turismo, como em toda ciência “é um processo complexo, demorado e de difícil execução, porém o seu uso é justificado pelos benefícios que traz em termos de praticidade, transmissibilidade, verificabilidade, solidez e alcance” (Miranda, 2007).

O fenômeno turístico é, contudo, interessante e complexo, o que proporciona seu caráter inter, multi e transdisciplinar. Isso fica claro na leitura de alguns fragmentos de Marutschka Moesh sobre o turismo:

“O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico” (Moesh, 2002: 09).

Arriscaria-se a afirmação de que nos aproximamos da ciência moderna sem as contumazes crises de percepção fragmentadas em pensamentos cartesianos que foram de extrema contribuição no passado, mas que não permitiram a evolução de percepção humana em uma visão integrada. Uma visão que permite ver resultados como processos e não como pontos a serem remediados isoladamente. Marutschka Moesh afirma ainda que:

“Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagem,

transportes, espetáculos, guias-interpretas que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras” (Fuster apud Moesh, 2002: 11)

Com isso, percebe-se a abrangência deste fenômeno, bem como, conseqüentemente a amplitude de conhecimentos a serem pesquisados, avaliados e transformados em ciência. O campo para se trabalhar com pesquisas e estudos direcionados é muito vasto, uma vez que o fenômeno turístico engloba quase todas as pessoas de uma sociedade, direta ou indiretamente. Nessa abordagem holística é de fundamental importância investir em pesquisas que possam trazer frutos para a sociedade como um todo.

Assim como as demais ciências que já tiveram sua trajetória de maturação e aceitação perante a sociedade, o turismo tende a passar por um processo evolutivo de amadurecimento científico. No início as pesquisas sobre o turismo eram realizadas por outras áreas do saber, como a geografia, a economia, administração entre outras, que utilizavam a atividade como umas das suas vertentes de estudo. Esse processo de evolução do conhecimento e do pensamento crítico na área de turismo, porém, só teve início, no Brasil, com as pesquisas científicas que começaram a ser realizadas em meados de 1975. Nessa época a produção de dissertações, teses e trabalhos de conclusão dos cursos iniciavam o desenvolvimento de pesquisas que tinham o turismo realmente como tema central de estudo (Rejowski, 1996).

Pode-se afirmar então, que a produção científica brasileira no turismo é muito recente, visto que ainda há poucas instituições de ensino que têm se dedicado a proporcionar uma iniciação científica de qualidade, a partir da graduação. O turismo ainda é visto por muitos, apenas como uma oportunidade econômica ou como atividade que traz respostas imediatistas a problemas sociais das regiões que buscam explorá-lo, no sentido próprio da palavra. Segundo Marutschka Moesch:

“A produção do saber turístico de modo geral, e de modo específico no Brasil, tem se constituído num conjunto de iniciativas, prioritariamente do setor privado/empresarial e menos da academia, sejam elas universidades e/ou faculdades, públicas ou privadas. O saber turístico assim produzido é reduzido às informações e sistemáticas sobre seu setor produtivo” (Moesh, 2002: 13).

Diante deste contexto, é de vital importância lançar um olhar crítico ao turismo de forma a antecipar medidas irresponsáveis e tecnicistas em seu desenvolvimento. Busca-se uma responsabilidade que parece ser intrínseca à ciência quando algumas de suas características são a antecipação dos fatos e imparcialidade na observação destes.

Considerando igualmente, que se trata do setor da economia que tem representado maior crescimento em nível mundial, e que possui expectativa e tendência de crescimento comprovados, é imprescindível trabalhar esta questão sob o ponto de vista da reflexão e produção científicas. No entanto, não é o que demonstram os eventos e as obras que, por vezes, abordam o assunto de maneira superficial, com mais técnicas sobre os processos de como fazer, do que reflexões interdisciplinares e resultados comprovados por métodos científicos de análise. Tratando disso, Mirian Rejowski traz em sua obra, que:

“A carência de pesquisas científicas e o reduzido número de pesquisadores, aliados a uma falta de estímulos ao desenvolvimento do conhecimento do fato e do fenômeno do turismo nesse País, tem levado a uma improvisada ação do setor, com seus evidentes reflexos e conseqüências de absoluta ausência de informações concretas que possam sensibilizar o poder público, sobretudo aqueles responsáveis pelo desenvolvimento do turismo. Adiciona-se a isto uma inaceitável indiferença da Universidade aos trabalhos de Pesquisa” (Rejowski, 1996: 60).

A pesquisa é o processo pelo qual o estudante supera a reprodução e a cópia de idéias. Ela é a ferramenta pela qual o senso crítico é desenvolvido. Assim, o indivíduo aprende a criar e pode se tornar um profissional com capacidade multi e transdisciplinar. A pesquisa é, contudo, uma forma

de o futuro turismólogo entender, nos diversos âmbitos, e por meio de vários pontos de vista, o fenômeno turístico. Dessa forma, ele pode conhecer a realidade da região onde está inserido, propor soluções a problemáticas detectadas, exercitar o senso crítico, formulando seus próprios textos e debatendo-os com os já existentes.

Esse exercício da pesquisa que deve (ou deveria) ser iniciado ainda no começo do processo da graduação pode auxiliar não só o estudante a tirar maior proveito de seu curso, mas aumentar seus conhecimentos do turismo como um todo tornando-se um profissional melhor preparado, uma vez que é por meio de estudos e pesquisas que a sociedade avança. Margarita Barreto faz uma boa reflexão sobre isso quando conclui seu capítulo “Produção Científica na área do Turismo” no livro “Um outro turismo é possível”, fruto das análises e discussões realizadas no IV Congresso Internacional de Turismo Rede Mercocidades, em 2002, em Porto Alegre, fazendo a relação desse ‘outro turismo’ com a produção científica:

“Falta produção científica capaz de produzir novas teorias, para auxiliar na aplicação de melhores técnicas, mas, fundamentalmente, para criar novos paradigmas. Para aspirarmos a um novo modelo de turismo, precisamos de novos paradigmas, referidos ao próprio turismo e à sociedade mais ampla” (Barreto apud Gastal e Moesh, 2004: 87)

Contudo, o turismo, por ser uma atividade comum a quase todos, passa por discussões desde o senso comum até o mais profundo senso crítico. E é à esse segundo ponto de vista que se dirigem as reflexões e análises, para que, a partir de uma produção científica contundente, possam ser aplicadas estratégias mais acertadas na gestão do turismo, seja na formação de pessoas ou ainda no mercado do turismo.

Conclusão

Observa-se que as pesquisas no turismo vão além das fronteiras econômicas e atingem as questões sociais, culturais, ambientais e políticas. Desta forma, analisar aspectos relacionados à qualidade de vida das pessoas, identificar medidas que possam melhorar o relacionamento, bem como os impactos e influências causadas entre o

turista e a comunidade local e descobrir as mais diversas realidades tornam-se de vital importância para a atividade turística.

É através de características como a flexibilidade, a atualização constante, novas áreas de conhecimento, novas necessidades e tendências que podemos chegar a soluções criativas e inovadoras e para isso utilizarmos-nos da “Ciência Turística”. Assim sendo, no Turismo, existem oportunidades e demanda suficiente para todos que buscam pesquisar, analisar, criar e atualizar essa área do conhecimento. Contudo, é primordial elevar a qualidade dos estudos e pesquisas na área. Assim, compreender-se-ia o turismo além da perspectiva econômica e de resultados imediatistas, quando se daria mais importância ao lado sócio-cultural e ambiental, transcendendo para uma esfera mais responsável em longo prazo. Entende-se que estes seriam caminhos que levariam ao avanço nos conhecimentos científicos do Turismo.

Entre as várias abordagens sobre o fenômeno turístico, ainda se percebem equívocos conceituais e em princípios filosóficos da atividade. Resta à academia, principalmente pela formação superior, investir em seu papel de reflexão, pesquisa e produção científica consistente. Entende-se que assim, o posicionamento levará ao respeito à importância por encarar a atividade com o devido respeito na sua complexidade. E, nas abordagens simplistas que negam as diversas ciências que o relacionam, restaria a crítica e a orientação para retroceder e evitar equívocos constantes em sua abordagem que, por princípios limitados de percepção, são muitas vezes denominadas apenas como gestão da atividade.

Contudo através das análises realizadas foi possível atingir o objetivo a que se havia proposto no início desse estudo, fomentando a reflexão sobre a importância da ciência e da pesquisa científica para a evolução do conhecimento na área de turismo. Foi possível analisar a inserção deste conhecimento no ensino superior e a evolução dos cursos, demonstrando o início de uma maior maturidade dessa ciência, e também algumas das contribuições que seu estudo pode gerar para a sociedade de forma geral. O artigo também abrangeu o turismo dentro de suas vertentes práticas e conceituais e, analisou possibilidades de consi-

derá-lo como uma ciência, enfatizando uma abordagem mais responsável e profunda do estudo de um fenômeno que atinge a humanidade em geral.

Referências

- Demo, Pedro.
2005 *Metodologia da Investigação em Educação*. São Paulo: IBPEX.
- Descartes, René.
1996 *Discurso sobre o Método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gastal, Susana e Moesh, Marutschka.
2004 *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto.
- Koyré, Alexandre.
1991 *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Matias, Marlene.
2002 *Turismo: Formação e Profissionalização*. São Paulo: Manole.
- Miranda, Simão.
2007 *Metodologia Científica: os caminhos do saber*. Disponível <<http://www.simaodemiranda.com.br/files/PesquisaeMetodo.doc>> Acessado em: 12 mar.
- Moesch, Marutschka.
2002 *A produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto.
- Pinto, Álvaro Vieira.
1979 *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rejowski, Mirian.
1996 *Turismo e Pesquisa Científica: Pensamento Internacional x Situação Brasileira*. São Paulo: Papyrus.
- Santos Filho, João.
2007 *Turismo: Ciência ou Técnica?* Disponível em <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/ciencia>> Acessado em: 13 mar.
- Souza, Werner.
2007 *Breve História do Turismo*. Disponível em <<http://www.lunaeamigos.com.br/meioambiente>> Acessado em: 12 mar.

Recibido: 13 de junio de 2007

Reenviado: 18 de noviembre de 2007

Aceptado: 20 de diciembre de 2007

Sometido a evaluación por pares anónimos